

O Pregão

de S. Nicolau

RECITADO

EM 5 DE DEZEMBRO DE 1943

PELO ALUNO DO 6.º ANO

José Augusto Vaz da Costa Marques.

Rapazes: o Sampaio ainda é vivo e forte!

Êle anseia viver e repelir a morte

Emquanto fôr com vida a vida que mais preza:

A **Festa a Nicolau** de espírito e beleza!

Romântico de antanho, um louco, um sonhador,

Êle deu a esta **Festa** a alma, o grande amor,

E ali, no coração, fá-la pulsar, vibrar!

Ninguém, ninguém como êle a sabe tanto amar!

Êle é o **Avô da Festa!** A estima e gratidão

Não as poupeis ao nobre e rígido ancião!

* * *

Vai ao ar, outra vez, o meu **Pregão** vibrante:

Clarim e porta-voz da **Festa do Estudante!**

.....

Tolerem-me, **Lá em Cima**, o Bráulio e o Arnaldo,

O Meira e o Roriz, o púcaro do caldo

Sem um fio de azeite e quente poesia...

Azeite... isso não há... e estro é água fria...

Perdão também te peço, ó Santo, ó Nicolau:

Tu vês esta magreza!... Eu sou um bacalhau,

Um badejo esquelético, assim... camuflado...

Outros tempos, meu Deus!... Eu era sempre assado,

Era à **Gomes de Sá**, cozido com batatas,

Fiel, sempre em jantar's, **fiel** sempre em ceatas...

O que sou eu agora?!... Um zero vil sem cabo...

Nem barbatanas tenho e já não tenho rabo...

Meteram-me num pôco escuro como um prego

Que foi comércio outrora, hoje é **comércio negro**...

Ai! tempos que lá vão, dos pastelões loirinhos,

Das iscas nas sertãs, das bolas de bolinhos,

E quão feliz eu era, o cheiro que eu 'spalhava!...

Cheirava a bacalhau! deveras que cheirava!...

O que nos vale, ó Santo, é o vinho, que é a rodos!...

O povo agora pode entrar nos **lascos** todos,

Beber até cair, que o vinho é tantas vezes

A vida de um milhão ou mais de portugueses...

Que se **produza**... sim... mas que se beba, olé!...

O **mata-ratos**, não; abaixo a **água-pé**,

E viva enquanto o **vento a casa não destroça**

O verde carrascão da tasca da **Pescôça**...

Melhor do que **Falerno** ou que o **Casal Garcia**,

O que nos dá a **verve**, a graça, a alegria,

Eh! **paz**... aquilo sim... é um beijo, um vivo amor,

Nas **caves** da **Império**, o branco tentador!...

Não tem **racionamento**, imprecações ou rixas...

Pode-se entrar... entrar... Entrar que não há **bichas**...

* *

Mas entremos no são e sério da verdade,
Calquemos o asfalto escuro da cidade
E o moderno empedrado ao longo destas ruas...
Digamos a seguir verdades nuas, cruas,
Doam a quem doer, de crítica mordaz,
Mas com aprumo sempre e inteligência audaz...
Principiemos, pois:

Esplêndido trabalho

Aquêle que nos deu **A. L. de Carvalho**
No seu **Sam Nicolau** e nosso Santo Amado!...
Ao seu trabalho honesto, e probo, e aturado,
Rendemos parabéns: Que a edição se esgote
E quebre os dentes vis aos **zollos de serrote**...
O **Vitória**, outra vez, é o **Campeão** à nuca
Do **Distrito de Braga** e honra de **Araduca**.
Saúdamos o seu **Onze** — um acto altivo e justo —
No grande treinador e rijo **Alberto Augusto**.
A **Ordem** fêz rateio, e fê-lo sem malícia,
Tocando a **Guimarães** metade dum polícia...
Das casas telha-vã às casas solarengas
A Grandeza surgiu no **Séquito de Ofrendas**
Em prol dos Hospitais, da Dor, da Caridade!
Irmãos foram nobreza e povo na Bondade!
Urgezes, Creixomil, agora, o próprio seio,
A's duas já o pisa a chanca do correio...
Preciso é dar **saída** a agravos, a arrelias,
No **limite**, em questão, das nossas **freguesias**...
Os **Bombeiros** vão ter a **Casa** inaugurada
Com festa de espanto e que há-de ser falada...
A **Penha**, a nossa **Penha**!... Eu olho-a e triste fico...
O nosso **Pina** é pobre... Ah! se êle fôsse rico!!...
Mais luz à **Avenida** esbelta dos **Pombais**,
Que a escuridão só serve a actos imorais...
Deitaram um **remendo** ao campo do **Vitória**...
Histórinha... **histórinha**... e acabou-se a **história**...
A crítica, afinal, foi doce e não mordaz...
A's vezes calha assim... e faz-se **marcha-atrás**...

* *

Esta **Festa** é só nossa e não de sapateiros...
Não tem aqui entrada o **bico** de caixeiros,
Seja metro ou sodela... Assim o brado arguto
O nosso secular e rígido **Estatuto**...

* *

Véelhos que **Lá** estais: em nós a saúde
Por vós é sempre viva! Até à cova há-de

Lembrar e relembrar as nossa patuscadas,
Tertúlias, bom humor, as francas gargalhadas
Nas salas do **Cabreiro** e nos **colés** da **Linha**,
Rojões no **Zé da Costa** e papas no **Tèrrinha**,
Nas grades do **Toural**, em torno do **Jardim**,
O nosso **cantochão** e que dizia assim:

« Ó **Prechas**, anda cá abaixo... »

Anda-nos dizer: rapaz

Deita palha ao macho... »

E tudo se acabou... Ao longe, na Atouguia,
Dormem na paz da terra a graça, a alegria...

* *

Não se esquece o **Pregão** de vós, ó raparigas,
Tricanas que cantais e rendilhaiis cantigas
Ao tiquetaque e som das leves lançadeiras...
E em nossos olhos sois, ó lindas costureiras
De olhos azuis do céu da nossa terra amada...
Muita atenção à agulha... A's vezes, enfiada,
A um pequeno deslize a linha sai do pôsto...
Desenfiada então... **mau gosto é... mau gosto**...

* *

Há uma lenda assim dos tempos que lá vão:
— Um Príncipe Encantado em densa escuridão
Só poderia o Sol, o Sol um dia ver,
Quando junto de si sorrisse uma mulher...
Uma Princesa então, mais linda que os amores,
Filha de heróicos reis, neta de imperadores,
Sentiu p'lo Princezinho uma paixão tão forte
Que foi na escuridão, sem medo à própria morte,
Um sorriso levar, de Sol iluminado,
Ao Príncipe da lenda, ao Príncipe Encantado...

Nós não queremos mais, Senhoras, que um sorriso...
Uma bôca a sorrir é o Sol, é o Paraíso...

* *

Sentido!... Um passo em frente!... A maçaneta
érguida!...

Que esta luta se fira intrépida e renhida
Como outrora a de Afonso além, em S. Mamede!...
O mundo diz que tem de sangue muita sede!...
Pois bem: dê-se-lhe sangue ao beerrão imundo
E 'stoire em congestão a estupidez do mundo!...

Dezembro de 1943

DELFIN DE GUIMARÃIS.